José de Mesquita
Do Instituto Histórico e da Academia
Mato-grossense de Letras

Nos Jardins de São João Bosco

Discursos e Conferências acerca da Obra Salesiana

1919 — 1934

MCMXLI

José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm

ÍNDICE

Cooperação Salesiana 4
Nas bodas de prata das Irmans Filhas de Maria Auxiliadora 10
Despedida de D. Malan 18
Saudação ao Visitador 24
Na ordenação de dois Levitas 32
Vinte e cinco annos de sacerdócio 37
Inauguração do Santuário de Maria Auxiliadora 47
Primeira Missa Cantada 54
D. Bosco, o conquistador de almas 58
Velhos e novos obreiros 71

COOPERAÇÃO SALESIANA

Discurso proferido no Congresso Regional dos Cooperadores Salesianos de Cuyabá,
em 4 de dezembro de 1919.

Reune-se hoje pela primeira vez, em Cuyabá, o Congresso Regional dos Cooperadores Salesianos, destinado a commemorar a faustosa ephemeride das Bodas de Prata das Missões Salesianas de Matto-Grosso.

Mais propicio se não poderia offerecer o ensejo do que esta década festiva, em que todo o Estado se associa, numa intima communhão de affectos, ás festas com que a nossa legendária capital celebra os seus dous séculos de existência.

Cuyabá vibra e exulta, numa intensa emoção patriótica, confraternizados os seus filhos e os seus illustres visitantes nos éstos da mais pura satisfação cívica e, sob o esplendor apollineo dos seus dias radiantes ou ao mysterioso encanto das suas noites constelladas, ao bimbalhar dos sinos, ao estrugir dos fogos, ao resoar das musicas, ao fonfonar dos autos, aos hosannas das ovações populares, uma alma nova, esplendida de mocidade e de esperança,

palpita entre as collinas que, como muralhas naturaes, cercam e protegem a tradicional cidade bi-centenária.

Azado ensejo, vol-o repito, este, em que a Deus aprouve reunir num só festejo duas solemnidades diversas, e fácil será fazer-vos ver quão estreitamente se prendem essas duas datas no entrelaçamento das mais intimas affnidades.

Em cinco lustros de labor constante e profícuo, os salesianos de tal forma se impuzeram á nossa veneração que, numa vibração uníssona, num perfeito accorde de sympathias, festejamos, conjuntamente com a data que lembra o inicio da nossa Historia, aquella que recorda a chegada a estas plagas dos primeiros filhos de D. Bosco.

Nesta memorável data, ao inaugurar-se solemnemente este Congresso, pela palavra, autorizada e eloquente do primeiro magistrado do Estado, houveram por bem os meus nobres companheiros de commissão fosse eu escolhido immerecidamente para fallar-vos a respeito da Cooperação Salesiana.

Longe, porém, de transformar o assumpto numa these árida e quiçá fastidiosa, limitar-me-ei a dizer-vos, com franqueza e enthusiasmo, o que penso dessa utilíssima instituição.

Tamanhos e tão relevantes hão sido os labores dos Salesianos em pról do nosso engrandecimento moral e material, que ouso affirmar, convicto que ao titulo de «Cooperador Salesiano» se pode emprestar a significação mais genérica de «cooperador do progresso de nossa terra».

Na cooperação salesiana — vós bem o sabeis e inútil se faz que vol-o eu diga — reside o admirável segredo da obra de D. Bosco, segredo que consiste na collaboração efficaz, muitas vezes humilde ou anonyma, com que cada um, mesmo os mais pobres e obscuros, concorre com a sua pequena parcella para que a collectividade venha a fruir os benefícios.

Graças a esse admirável systema é que esses humildes obreiros do Bem fazem surgir da sua pobreza, as maravilhosas creações que, nos surprehendem pelo arrojo da concepção e pela tenacidade com que as executam.

E que doce, consoladora idéia deve ser a vossa, beneméritos cooperadores, quando pensardes na vossa contribuição para essa obra e, num retrospecto através destes 25 annos, virdes a magnífica expansão Salesiana, que da então pequena egreja parochial de S. Gonçalo — primeiro germem da sua actividade — alargou-se, expandiu-se, ampliou o seu raio de acção por todo o Estado, estendendo até as longínquas margens do Araguaya — nossa extrema divisa oriental — a sua acção beneficente e civilisadora.

Desde aquelle memorável dia 18 de Junho de 1894, em que, graças ao zelo conjugado de D. Carlos, nosso venerando Metropolita, e do inolvidável Presidente Murtinho, aqui aportaram os primeiros, Salesianos, sob a intelligente direcção do saudoso D. Lasagna e do actual Prelado D. Antonio Malan, que grandiosa trajectoria vem descrevendo

a Missão Salesiana de Matto Grosso, mercê da vossa esforçada collaboração!

Bemdita, cooperação, que, com o vosso generoso óbolo, creastes este Lyceu, celleiro intellectual, onde se abastecem de cultura, de crença e de civismo os cérebros dos nossos jovens patrícios, que assim se tornam dignos depositários das nossas aspirações.

Louvável cooperação, que mantendes, com o vosso auxilio, essa grandiosa obra social da catechese religiosa que, arrostando os sertões bravios, vai fazer da alma rude do selvagem um espírito culto e laborioso, favorecendo a eclosão de novos elementos para a Pátria, tal como as leis biológicas fazem surdir da crysalida informe a alada borboleta multicor e a crystalisação transforma o carbono negro no diamante límpido e refulgente.

Benemérita cooperação, a que devem a sua existência instituições como os Collegios de Santa Catharina desta capital e da Immaculada Conceição de Corumbá, núcleos modelares de educação feminina, pela formação consciente do espírito da Mulher, *cellula mater* das sociedades futuras, que ali, no ambiente da mais sã moral, recebe o perfume da virtude, que a torna o encanto e a alegria do Lar.

Abençoada cooperação, a cuja sombra vicejam estabelecimentos como o Collegio Santa Tereza de Corumbá, as Escolas Agrícolas de Santo Antonio e de Palmeiras, as escolas profissionaes e institutos scientificos, como sejam os observatórios

meteorológicos — creações que nos honram e dos quaes sobejam motivos para nos ufanarmos.

Bemfazeja cooperação, sem a qual a operosidade, infatigável dos Salesianos nada poderia fazer, dada a exigüidade dos recursos desproporcionada á grandeza do emprehendimento: si não ha palavras que digam da vossa benemerência, fica-me, todavia, a convicção de que, mais alto que quaesquer louvores, falla a vossa consciência, a serena consciência do bem, que praticaes.

Oxalá que este Congresso, que pela primeira vez aqui se effectua e cujo objectivo principal, como o seu próprio nome o está indicando, é a união, o perfeito congraçamento entre todos os cooperadores salesianos, seja fecundo em inspirações felizes, das quaes, através de deliberações acertadas e opportunas, dimanem copiosos benefícios para a obra Salesiana.

Outra cousa não é de se esperar, attentando-se á organização do mesmo Congresso, a cuja frente se destacam personallidades das mais conspícuas do nosso meio social e ao qual se dignaram adherir figuras das mais representativas do paiz.

De volta, pois, com os agradecimentos sinceros que, em nome da Commissão organizadora, tenho a satisfação de apresentar a todos quantos abrilhantam esta sessão, notadamente ao preclaro Delegado da Santa Sé, D.Angelo Scapardini, que Cuyabá tem a honra insigne de hospedar, e ás dignas autoridades civis, ecclesiasticas e, militares aqui presentes, folgo em externar, como o mais

obscuro dos seus membros, os meus votos effusivos para que o brilhante êxito venha coroar este Congresso, confirmando os propícios e venturosos augúrios, que presidiram a sua instalação.

E, ao finalizar esta modesta oração, outras não podem ser as minhas palavras sinão as dictadas pelos mesmos sentimentos que as vem orientando desde o começo; continuae, beneméritos cooperadores, perservae na vossa tarefa, convictos de que, como a principio vos disse, ao vosso titulo de «cooperadores salesianos» honrosamente se junta o de «cooperadores do progresso de nossa terra».

NAS BODAS DE PRATA DAS IRMANS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

(10 de Junho de 1920)

Gentilíssimo convite ao qual fôra impossível oppôr uma recusa, foi retirar-me do habitual retrahimento, em que de meu gosto vivo, para trazer-me a esta honrosa tribuna, que se me antolha plena de responsabilidades, ante a culta, distincta e brilhante assistência, que vai ouvir-me neste momento.

Não poderia deixar de acceder a tão expressiva e desvanecedora prova de confiança que, com ser uma solicitação, valia por uma ordem, e é por isso que aqui me tendes, quando, melhor do que eu, deveria, a esta hora, outrem prender a vossa atenção com os amavios da palavra e as seducções da rhetorica, tarefa essa, que a mim me não é dado aspirar.

Um grande sentimento, entretanto, me anima uma idéa consoladora, todavia, me encoraja: em compensação a dotes que me faltam, enrobustece-me o espírito a força das convicções geradas na observação serena e essa superior noção da justiça

e da verdade, que servirá de guia ás minhas palavras descoloridas.

A sinceridade é, sem duvida, o mais seguro penhor do êxito: sem ella, os mais simples tentamens resultam em emprehendimentos herculeos; com ella, facílimas se tornam as mais arrojadas emprezas.

É bem por isso que o nosso grande poeta Emilio de Menezes, num dos seus sonetos lapidares, disse certa vez:

«Como é bom elogiar, quando nasce o elogio de um enthusiasmo assim, de uma emoção sincera. Rebenta o applauso em nós, vigoroso e sadio, como rebenta a flor em plena primavera!»

Realmente, a sympathia de uma causa é a antecipação do seu triumpho — tornal-a bemquista ao auditório, é assegurar-lhe o mais completo successo imaginável.

E quando, como no caso presente, a sympathia se impõe pela própria natureza da Causa, pelo conhecimento que tem toda a nossa sociedade do assumpto em questão, que maior trabalho fica ao orador sinão o de expor o seu thema e deixar que vibre, nos accordes sinceros das emoções francas, o vivaz enthusiasmo do auditório?

A festa, com que as DD. «Filhas de Maria Auxiliadora» commemoram as bodas de prata de sua chegada á nossa flórea cidade natal, offerece ensejo a um descortino mental atravez do passado,

a uma analyse retrospectiva do que tem sido a sua acção benemérita em prol da nossa terra.

A infatigável operosidade salesiana, já por mim posta em destaque, como orador no Congresso Regional de Dezembro de 1919, assume, em se tratando das Irmans, proporções de verdadeiro sacrifício, de incontrastável merecimento.

De facto, si a um homem constitue padrão de gloria esse esforço sobre si e sobre a natureza, abandonando Pátria. Família, ligações de sentimento e interesses materiaes, para vir, em meio extranho, muitas vezes hostil, empregar toda a sua actividade pela gloria de Deus e pelo bem dos seus semelhantes — quão estupendo e extraordinário não será esse mesmo sacrifício por parte de uma mulher, de natural fraca e receiosa, mais apegada ás affeições de família, tímida por temperamento e por educação, cujo corpo e espírito se resentem com mas facilidade de qualquer esforço, habituada que está a ser, na quasi generalidade dos casos, essa flor delicada de emotividade, frívola muitas vezes, sensível quasi sempre, tão débil no physico, quão susceptível no moral?

Imaginae, senhores, o sacrifício de cada uma dessas beneméritas creaturas, que aqui vedes em nosso meio social e a que o povo, na sua sub-consciência illuminada, dá indistinctamente o doce nome de «Irmans de Caridade».

Imaginae que são moças, que têm família, paes, irmãos, tantos entes queridos, que constituem esse ambiente casto e suave do lar e que tudo

deixaram pela tarefa ingente, a que se commeteram, de fazer o Bem, de viver para o Bem.

Donde hauriram força para essa suprema abnegação, que as faz trocar as galas da mocidade em flor, por esse lucto eterno do habito religioso: os carinhos e o aconchego do lar pelas intempéries das selvas, ao sol e á chuva, sem abrigo, em busca d'almas para Deus: as seducções dos prazeres, do luxo, da fortuna, pelas privações, pela modéstia ex trema, pelo ascetismo monacal, a que de *motu próprio* se entregaram?

Neste século, em que o materialismo grosseiro transformou a vida numa equação, que gira entre os factores «maior prazer» e «maior lucro», nesta era utilitária, em que a poesia é taxada de neurose e o ideal é relegado á plana de utopia: nesta phase da Historia, em que o Rei Milhão é o arbitro das consciências e as guerras se fazem. não por um ideal superior, mas pelo predomínio commercial em determinadas zonas: nesta prosaica «idade do dollar» e da vida intensa, de suffragistas e de bolchevistas — que poder superior, que ideal extraterreno, que força sobrehumana hão actuado nestes espíritos femininos, para compellil-os a esta renuncia de tudo, no mais sublime holocausto da sua própria personalidade?

Respondam as vossas consciências, senhores, si é que a resposta já vos não afflóra aos lábios, numa palavra cálida, resumo de todo o ideal humano: Deus! só Deus!

Sim! só a crença num ser sobrenatural, só a fé em outra existência compensadora dos sacrifícios e padecimentos, pode operar como o condão mágico dessa transformação.

Só o Ideal, que paira acima das exigências subalternas da matéria, o ideal, que explende, como um sol sobredoirando de luz e de esplendor todos os martyrios, transformando em lauréis os abrolhos da estrada, amaciando em veigas floridas as escarpas do caminho... só o ideal tem essa virtude de levar á renuncia dos desejos, á abolição da vontade, á immolação das ambições, á inteira despersonalização, emfim, pelo tríplice voto de pureza, de obediência e de pobreza!

E é por essa força que ellas tudo deixaram, abraçando voluntariamente a grande cruz do seu sacrifício — fizeram-se Irmans, nome que bem diz da natureza da sua missão e da santidade de seus intuitos, Irmans dos pobres, a que socorrem. Irmans dos ignorantes, a que levam a luz espiritual, Irmans dos rudes indígenas, que trazem ao nosso convívio de civilizados, Irmans dos doentes, pensando-lhes as chagas do corpo e lenindo-lhes as chagas da alma, muito mais fundas e doloridas.

Essa fraternidade espiritual que as vincula a toda a dor e a toda a necessidade, tem maior poder que os próprios laços do sangue e ellas farão, a um desconhecido o que fariam, em igualdade de condições, ao seu próprio irmão.

Grande, nobilitante fraternidade christã, que os códigos modernos, as philosophias mais altruísticas,

as aspirações libertarias contemporâneas, as idéas socialistas mais avançadas não conseguirão jamais ultrapassar!

No templo — elevando o seu pensamento ao céu pela felicidade de seus bemfeitores; na escola — plasmando, na cera tenra da alma infantil, os moldes da alma da mulher, de que hão de germinar a família e a sociedade futuras; no hospital — velando á cabeceira de um doente, como uma mãe carinhosa velaria; no mais fundo dos sertões, catechizando as nossas pequenas patrícias indígenas, — onde quer que a vossa imaginação vol-as represente, vel-a-heis sempre aureoladas do duplo estemma do sacrifício e do amor ao próximo.

As suas creações ahi estão attestando aos espíritos scepticos ou sectarios, quanto pode o ideal religioso, fazendo desabrochar em flores os seus sacrifícios, flores que constituem a mais bella coroa jubilar, entretecida de rosas mysticas, lírios immarcessiveis e alguns goivos, que relembram saudosamente as que a Morte colheu em meio da jornada.

Asylo S. Rita, Colônias indígenas do S. Lourenço, do Sangradouro, do Barreiro e das Garças, Collegios de S. Catharina, Maria Auxiliadora e Immaculada Conceição. Casa de Palmeiras. Santas Casas da Capital e de Corumbá — que magnificente e esplendido florão a cingir-lhes a fronte, na faustosa occorrencia das suas bodas de prata!

Não ha ahi citar nomes, lembrar personalidades: já atraz o disse que ellas annullaram a sua pessoa pelo ideal a que votaram a sua vida.

Entretanto, fallei-vos em goivos, em saudades e não, faz mal que, neste dia festivo, evoque, como um preito de justiça, um nome saudoso e bem querido, — o da Madre Rosa, symbolo vivo da dedicação e do altruísmo, fallecida vai haver 5 annos em Corumbá, onde dirigia o Hospital de Caridade.

Vi-a a ultima vez em 1914, de passagem por aquella cidade.

Era a personificação da caridade, sempre solicita, sempre desvelada, sempre risonha.

No seu posto colheu-a a implacável ceifadora e do seu posto alou-se ao céu aquella alma angélica.

Como esta — todas. O ideal é o mesmo, a mesma a renuncia e, portanto, a mesma a benemerência.

Vemol-as, á frente do nosso único estabelecimento de caridade — a S. Casa de Misericórdia.

E em pouco tempo, de par com a remodelação material, fizeram ellas a reforma moral daquelle nosocômio, hoje, com justiça, merecedor do nome de S. Casa, que antes impropriamente se lhe dava.

Que mais posso eu dizer-vos que não seja repisar conceitos, que estão nas vossas próprias consciências?

Vou encerrar estas singelas palavras, lastimando ainda uma vez que a minha deficiência não consiga dar maior realce, colorir de brilhos inéditos, enaltecer de glorias mais vivas a commemoração de hoje.

Força é concluir e faço-o numa viva, sincera, profunda saudação ás «Filhas de Maria Auxiliadora», essas pioneiras do Bem, de quem tantos benefícios tem recebido o nosso Estado, essas dignas perpetuadoras da obra do Venerável Padre Bosco, ás quaes, como cuyabano amantíssimo da sua terra, auguro, do intimo d ‘alma, na alvorada desta nova phase de trabalhos, todas as prosperidades, de que se fazem merecedoras.

DESPEDIDA DE D. MALAN

(1 de fevereiro de 1924)

Vai por trinta annos que, numa formosa manham de Junho, á luz suave do nosso sol, sob a doce reverberação do nosso céo, galgava a íngreme ladeira do Porto Geral desta cidade uma leva de Missionários, trazendo, sob a rude estamenha do habito negro, uma alma aberta a todas as bellas iniciativas do Progresso e do Bem.

Eram os primeiros Salesianos que aportavam a Matto Grosso, a convite do inesquecível prelado D. Carlos Luiz d‘Amour que, no seu largo descortino, divisara nos filhos de D. Bosco valiosos obreiros, dos quaes muito poderia esperar em fecundos benefícios a sua Diocese.

Á frente desses denodados ministros de Christo, que, vencendo as distancias e sem meças de sacrifícios, vinham contribuir para o nosso desenvolvimento moral e material, se achava um joven sacerdote, filho da bella terra da Itália, alma ardente de apostolo, coração inflammado de zelo pelo bem do próximo, possuindo a fibra dos grandes organizadores, — essa mescla admirável de força e

prudência, energia e serenidade. com que Deus parece haver assignalado os seus eleitos.

Esse missionário que, com o andar dos annos. viria a constituir-se o esteio fortíssimo da Missão, passando successivamente por todos os seus altos postos de commando, revelando sempre qualidades inexcedíveis de dedicação e competência, é o mesmo que hoje, após três decennios de incansáveis labores, a Santa Sé acaba de transferir da Prelazia do Araguaya, onde ha quasi uma década vinha trabalhando, para a Diocese, que tem a sua sede na cidade pernambucana de Petrolina.

Antes que lhe decline o nome, elle já, por certo. vos afflora aos lábios, pois tamanha é a aureola das suas benemerências, tão largo é o circulo de suas sympathias entre nós, que em cada coração mattogrossense conta D. Malan um amigo sincero e devotado.

Justamente por isso a noticia de sua próxima vinda a esta capital, donde se ausentara ha perto de dois annos, alvoroçou de vivos regozijos os seus admiradores, senão quando, no laconismo chocante de que soem revestir-se os seus despachos, nos trouxe o telegrapho a communicação da sua remoção para o longínquo e prospero Estado do Norte.

Transmudou-se, dess'arte, a alegria desta chegada na mágua da próxima separação, quiçá definitiva: os francos e acolhedores sorrisos joviaes de boas vindas se obumbraram, se amorteceram, sob o velario de mal dissimulada tristeza, no antesaibo da saudade incontida. . .

Foi nessa circumstancia que me viestes, amigos meus, e me commetestes a tarefa assaz delicada e sobremodo difficil,de traduzir, numa ligeira saudação, os nossos sentimentos para com a pessôa do digno homenageado desta noite.

Negar-me em taes conjuncturas fôra impossível e pois que o acceder se impunha, força era que eu procurasse, de qualquer forma, interpretar a vossa emoção, buscando, não nas palhetas da imaginação, mas na tela viva da realidade, o thema desta rápida oração.

Rememorar, em larga synthese retrospectiva, a longa e fecunda carreira de D. Malan, primeiro na direcção deste Collegio, depois como Inspector da Missão Salesiana no Estado e, por ultimo, como Prelado do Registro do Araguaya; é abrir ante as vossas vistas toda uma pagina de nossa Historia nesses trinta annos decorridos.

Evocar a sua efficiente actuação, a sua extraordinária operosidade, quer como educador, quer como catechista, quer, enfim, como constructor desse admirável apparelhamento, que é a Missão Salesiana de Matto Grosso, é desdobrar aos nossos olhos toda uma obra de cultura, de desenvolvimento social, cívico e moral, que constitue a justa ufania dos nossos contemporâneos e o apanágio honroso de todos os que contribuíram para a realização desse desideratum.

Meus senhores:

Não ha mister palavras onde, mais do que ellas, eloqüentes e verazes, os factos se impõe á attenção até mesmo dos indifferentes.

Aqui está esta Casa por onde, em vários lustros, passou a flor da nossa mocidade, por sob cujas arcadas hoje venerandas, á sombra de cuja capellinha poética, estudaram e oraram os que hoje, nas mais diversas posições, honram a cultura intellectual de nossa terra... Ali estão, próximos de nós, o Asylo Santa Rita; educandário modelo de nossa juventude feminima, a Escola Agrícola do Coxipó, núcleo de trabalho productivo e intelligente e a Santa Casa, que é hoje, sob o influxo das Irmans Salesianas, um hospital modelar... Acolá estão os Collegios de Corumbá, institutos de ensino de que se orgulha a bella cidade sulista e, mais alem, o Registro e Santa Rita, attestando, atravez de optimos e brilhantes resultados, a acção civilizadora do salesiano, que mais ainda se faz sentir nas prosperas Colônias do sertão de Leste, colméias de trabalho onde desabrocham, ao sol benéfico da civilização, as almas rudes dos nossos selvagens, redimidas pela Fé e pelo Civismo e integradas ao Brasil, sob a dupla égide tutelar da nossa Cruz e da nossa Bandeira...

Si tudo isso é pouco — nada valerá então. Mas, ao contrario, cada parcella dessas é muito, e dada a escassez de recursos, com que se lucta num meio como o nosso, em que tudo são difficuldades e tropeços, uma só dessas obras bastaria,

indiscutivelmente, a sagrar para todo o sempre o seu autor á gratidão immorredoura da posteridade.

Eil-o, emtanto, que, após uma vida consagrada, na sua maior parte, a nossa terra, vai deixar-nos, no desempenho do seu *munus* pastoral, levando a outras paragens os benefícios da sua incançável actividade.

Não vai tão longe a nossa affeição a ponto de confundir-se com o vulgar egoísmo de lamentarmos essa partida, pelo que ella nos priva de benefícios, doando-os a outros patrícios nossos, dignos de os usufruir:

«le coeur a des raisons, que
la raison ne connait pas...»

e não podemos deixar de mostrar o pezar que nos invade ante a idéa de perdermos o convívio de tão bello espírito e de tão nobre coração.

É da vida, porem, que tudo assim se opere e é das transições naturaes dos sentimentos humanos, nessa mescla equilibrada de alegrias e tristezas, que se entretece a teia da existência quotidiana.

Em meio á ruidosa alegria desta festa, entre as luzes e flores, as musicas e sorrisos que exornam este salão, certo, como uma sombra melancólica, perpassa a idéa da próxima despedida, dos adeuses que, em breve, se trocarão nessa mesma praia ridente, que ha 30 annos recebia o recemvindo entre acclamações de triumpho.

Doce, meiga, inexplicável sensação, a mais terna e a mais amorável de todas as teclas que o coração humano, sabe fazer resoar, ó tu, saudade, musa inspiradora de todos os poetas e sonhadores, dá-me, nesta hora, as tintas mágicas, com que se inscrevem, na morte-cor dos crepúsculos, as tuas telas mysteriosas...

Excia. Rvma.

Menos que uma saudação vibrante, as minhas palavras dizem neste momento a mágua dos que vêm partir o Amigo de tantos annos, o Mestre dedicado, o Conselheiro, prudente e o Guia esclarecido...

Só nos resta augurar-lhe, no novo campo, que se abre á sua dedicação pastoral, novas victorias quaes as que até hoje têm coroado os seus apostólicos labores.

E, embora longe de nós, terá V. Excia., como aqui perto, os mesmos corações de amigos, dessa amizade franca e leal, de que se honra a nossa gente, ligada sempre a V. Excia. pelos laços indestructiveis de uma gratidão, que não morre, e de uma affeição sincera, que não conhece tempo e nem distancia...

SAUDAÇÃO AO VISITADOR

(25 de outubro de 1925)

A Liga Catholica da Archidiocese vem, nesta grata opportunidade, associar-se prazerosamente ao preito de veneração e carinho, que a Missão Salesiana de Matto Grosso rende á digna pessoa do Revmo. P. José Vespignani, Visitador extraordinário das casas sul americanas.

Houve por bem a Providencia, em seus altos desígnios, calhasse a pessoa do presidente da «Liga» na de um antigo alumno salesiano, dando esta circumstância, senão mais realce, ao menos maior significação ás minhas pobres palavras.

Nenhuma outra credencial me fôra possível trazer-vos — Revmo. Snr. P. Visitador — que, tanto como esta, vos sensibilize o coração, justificando de sobejo e por si só a minha presença nesta tribuna, onde outros vos diriam melhor que eu, o regozijo, que nos trouxe a vossa auspiciosa vinda ás terras cuyabanas.

Antigo alumno salesiano, vale dizer um espírito, que se formou no âmbito de uma dessas admiráveis casas de educação, que o gênio do apostolo piemontez tem disseminado por todos os paises, tal

um sol a irradiar os seus benéficos fulgores sobre todo o universo.

Antigo aluno salesiano, o mesmo é que declarar-se, sem reservas, amigo e admirador dessa intrépida phalange de missionários, professores, catechistas, artistas e sábios que, em innumeras colônias, lycêos, oratórios festivos, escolas profissionaes e observatórios, vêm prestando á civilização hodierna os mais assignalados serviços.

Antigo alumno salesiano significa sincero cultor e obscuro cooperador da obra eminentemente social do Sacerdote de Becchi, a quem a Humanidade tanto deve, pois que, abstrahindo mesmo do aspecto puramente religioso e moral de sua actuação, força é reconhecer a sua visualidade no domínio sociológico, com a creação dos seus «oratórios festivos», magnífico instituto preventivo penal e dos seus internatos para os desvalidos, que resolveram um dos máximos problemas de assistência moderna.

Antigo alumno salesiano — sel-o e proclamal-o de fronte erguida, é — Senhores — só ler olhares de gratidão e expressões de ternura para os que nos ministraram, na puerícia descuidosa, os ensinamentos basilares da construcção psychica; e jamais renegar o credo, que os nossos lábios proferiram milhares de vezes, no silencio perfumado da capellinha, sob o olhar maternal da Virgem de D. Bosco; é rever-se ainda e sempre o mesmo, entre estes muros sagrados pelo affecto e pela saudade, estas salas de estudo, onde vemos ainda vagar a sombra de velhos mestres queridos e estes pateos

de recreio, onde perpassa, evocadoramente, entre folgares e risos, a visão radiosa de nossa adolescência; é enfim, sêr, coherentemente, atravez dos altibaixos da vida, o prolongamento de si mesmo, o seu passado real e permanente, a sua própria continuidade lógica e indestructivel no tempo.

E porquê me presumo de o ser, é que me sinto bem toda a vez que, como esta, se me propicia ensejo de usar da palavra nesta casa, que ouso reputar um pouco minha, pois que nella transcorreram sete annos de meu viver, na quadra justamente em que a alma, como a cera ou o gesso plástico dos modelos, recebe e conserva mais ao vivo as impressões dos dedos do esculptor.

É por isso, Revmo. P. Vespignani, que aqui me encontro, cedendo á doce violência, com que o meu illustrado amigo P. Hermenegildo Garrá me impoz o encargo para mim gratíssimo de saudar-vos.

Em vós reuniu Deus, para o nosso respeito e affecto, três magestades, qual mais superior, qual mais veneranda: a do sacerdócio, a do magistério e a da senectude.

Sacerdote — palavra que resume em si o maior dos elogios, pois contem a delegação do Christo naquella hora augusta da Ceia e renovada após a Ressurreição; vocábulo que participa da natureza divina e humana; nome altamente suggestivo que implica a continuidade histórica da funcção

messiânica de Jesus prolongada, em vinte milheiros de annos, pelos successores daquelles Doze que, no dizer de Papini, foram os precursores da Bôa Nova, fazendo-a chegar aos ouvidos de todos os que sofrem e esperam.

Que maior epitheto cabe a um homem que este de membro da dynastia espiritual, cujo fundador foi o próprio Homem Deus, parcella desse cléro calumniado, infamado, tripudiado e amesquinhado pelas viltas dos séculos, mas sublime, grandioso, excelso e insuperável na sua missão sobrenatural de mediador entre Deus e o homem, hyphen entre o céu e a terra, ponto de ligação entre o Ideal supremo e a suprema miséria?

Mas, alem de sacerdote, sois educador.

Consagrastes a vossa vida á tarefa de ensinar á humanidade os sãos preceitos da moral e os sólidos princípios da sciencia.

Fundastes collegios, dirigistes escolas, propagastes o ensino, como o grão de mostarda da parábola evangélica...

Deixando quiçá os enlevos de uma juventude cheia de atractivos mundanos, de um lar florido em sorrisos e bemçans, de um futuro radioso de esperanças e promessas, abraçastes heroicamente a Cruz dos sacrifícios, vestistes a samarra humilde da renuncia, e, fiel á licção do Mestre, tudo abandonastes para seguil-o. *Docete omnes gentes*... E sahistes a ensinar a todas as gentes, inflammado desse ardor evangélico que renova cada dia e em cada ministro o episodio suggestivo da primeira

investida dos apóstolos sobre o mundo paganizado dos Cesares romanos e fanático dos doutores da Synagoga.

Levastes a boa palavra da Fé, que não exclue a sciencia, antes a completa e lhe supre as deficiências — ás regiões mais distantes, semeando o trigo entre o joio, o na consciência de que ao Bem ha de caber sempre a victoria definitiva.

Apostolo da Argentina, a vossa acção irradiou, das *calles* e avenidas portenhas ás inhospitas solidões do *pampa*, do magnífico estuário platino, onde Buenos-Aires espelha o fulgor de uma civilização adiantada, até os *chacos* silentes, e as savanas sulinas — invertidos Saharas de gelo, desertos hybernaes, melancolias vivas da Natureza, onde apenas o pampeiro estende as suas azas e os poldros bravios passam, como visões apocalypticas, em sua corrida desabrida...

Sobre sacerdote e educador, outro titulo de gloria vos exorna a fronte, o da fecunda e nobre ancianidade, objectivado nessas cans que, laureis immarcessiveis, vos engrinaldam a fronte.

Queriam os gregos do séculos de Péricles que os que morressem moços fossem os queridos dos seus deuses. Pura illusão! Assim seria na concepção daqueles, para quem a vida eram os prazeres febricitantes da mocidade, que com ella vêm e vão-se com ella, daquelles cujo destino se reflectia no ephemero desabrochar e esfolhar das rosas cantadas pelo poeta de Theos.

Quão mais cheia e formosa, porem, reconheçamol-o, é a existência dos que, como vós, em sadia e feliz longevidade, podem ainda, no doce crepúsculo vital, rever-se nas suas obras, os filhos do seu espírito!

Como são mais consoladoras as promessas da Bíblia ao varão ditoso, a quem Deus outorga a fortuna de no fim da vida. colher os fructos plantados em sua virilidade!

A velhice, que inspirou a Cícero, a Seneca, a Marco Aurélio, pensadores pagãos, paginas bellissimas de poesia profunda e sentida, para nós outros, christãos, significa ainda mais quando, como um estemma de gloria, vem coroar uma vida cheia, como a vossa, de serviços ao Bem.

De resto, intima analogia de etymo parece ligar a expressão presbytero, designativa dos sacerdotes, á idéa da provecta idade, explicando os tratadistas de direito canônico que tal denominação provem menos dos annos que devam ter os ministros, que do seu saber e costumes que, consoante dispunha o Concilio de Trento, deviam ser taes «*quorum probata vita senectus sit*».

Sacerdote e educador são, por outro lado, expressões que o mais simples manuseio da Historia Universal, nos está a inculcar synonimas.

Mais de perto, na nossa Historia, poude D. Duarte, o eminente Arcebispo de S. Paulo, affirmar, baseado em autoridades na matéria. que «desde o tempo colonial, e ainda nos primórdios do Império, á parte um pequeno grupo de privilegiados,

que, ao depois se fizeram notáveis, — apenas no clero se encontram. letras capazes de illuminar a trabalhosa marcha dos que porfiavam pelo progresso do país» (D. Duarte — O clero e a Independência).

Nem se faz mister ir procurar exemplos fora do nosso meio e da historia local, porquanto particularizando mais, o que vêmos, os que nos habituamos á leitura das paginas e documentos do nosso passado?

Vêmos, em plena phase colonial, um P. Siqueira (J. Manoel), dos primeiros sacerdotes cuyabanos, ingressar a Academia Real de Sciencias de Lisbôa, tendo, largos annos, preleccionado Philosophia racional e moral aos nossos avôengos; no período monarchico, um Padre Guimarães (J. da Silva), talvez o primeiro mattogrossense membro do Instituto Histórico Brasileiro e figura notável nos nossos fastos políticos e intellectuaes; e, mais recentemente... mas para que citar nomes, conferir datas, quando estou certo que todo o meu esforço provar a alta missão educativa do sacerdote vale, aos vossos olhos, o excusado trabalho de mathematico a esfalfar-se no demonstrar um axioma, ou de um philosopho, que exhaurisse a sua dialectica na prova de um postulado.

Revmo. Snr. P. Visitador:

Ahi está, pois, nesse titulo unicode sacerdote a vossa apologia, a vossa honra, o vosso nobilitante pergaminho moral. Permitti, pois, que, em nome da «Liga Catholica», a federação das nossas sociedades religiosas, eu saúde, reverente, a vossa pessoa, triplicemente sagrada pelo vosso ministério divino, pelo vosso magistério humano e pelo prestigio da vossa gloriosa ancianidade.

NA ORDENAÇAO DE DOIS LEVITAS

(P.P. Herminio Radici e Luiz Brivio)
20 de março de 1927

Quiz o meu velho amigo e mestre P. Miguel Curro, que dirige hoje esta Casa, num requinte de amabilidade, que muito me desvanece, fosse eu o Padrinho da Ordenação do Padre Herminio Radici, que hontem ascendeu ás Ordens Maiores, juntamente com o seu companheiro P. Luiz Brivio. E não satisfeito com dar-me semelhante distinção. aprouve-lhe ainda pedir-me que dissesse algumas palavras neste festival intimo, com que os Salesianos de Cuyabá commemoram hoje, póde se dizer em família, numa sessão discreta e *intra muros*, a entrada de dois novos batalhadores da Fé nas gloriosas phalanges do sacerdócio catholico. Não é um discurso, está claro, o que ides ouvir: nem o momento comporta as clássicas «flores de rhetorica», nem a escassez de tempo e o sobreencargo de trabalhos, em que vivo, me permittiriam dar desenvolvimento maior a estas ligeiras palavras.

Ainda perdura em nosso espírito a impressão da cerimônia, à que hontem assistimos na poética e evocativa Capella deste Collegio, cerimônia tocante e bella, como tudo, a que a liturgia romana empresta o encanto da sua pompa, e solemnidade.

E está a parecer-me, que ainda vos vejo, ó novos levitas, ante o altar do Senhor, proferindo os votos supremos com que, partidos os elos que vos prendem ao mundo, vos dareis inteiramente a Deus.

E, no mystico ambiente do templo enquanto das aras votivas dos corações subiam as preces, como dos thuribulos sagrados as espiraes do incenso, recebieis de Deus, na symbolica imposição das mãos, os mais altos poderes, que a homem é dado exercer na terra:

E a essa hora, por certo, a vossa alma voaria, nas azas da oração, para onde os vossos caros parentes vos acompanham, para a terra do vosso berço, essa luminosa Itália, terra do sonho e da arte, da religião e da poesia, de Dante e S. Francisco de Assis, de Miguel Ângelo e D. Bosco.

Certo é também que não vos esqueceríeis desta outra terra bemquerida, que é também um pouco vossa, que de hoje em diante ficará ligada para sempre á vossa vida sacerdotal, na memória deste dia, em que recebestes o sacramento excelso, que dá o poder da Consagração e de remittir os peccados.

Não vai mal em que eu recorde, ligeiramente, as circumstancias, em que me foi dado conhecer-vos,

a um e a outro dos novéis Ministros do Senhor, o que não deixa, posto seja uma nota pessoal; de relacionar-se com o meu estado d ‘alma neste momento.

O P. Radici vi-o pela primeira vez na Capella, num domingo de Missa, cantando, na sua bella voz, os louvores da Virgem, em coro com a criançada do Collegio, e pareceu-me na sua piedosa uncção, na religiosa belleza do canto, um desses trovadores medievaes que exalçavam, no plectro, as grandezas do céu, um desses *joculatores Domini* de que o espírito do *Poverello* encheu os valles da deliciosa terra da Umbria...

O meu primeiro encontro com o P. Brivio. data de mais tempo ainda... Foi no alto sertão de Matto-Grosso, ali nas pittorescas paragens, que o Barreiro banha de suas límpidas águas, na Colônia do S. Coração, sete annos atraz, que por primeiro nos vimos.

Demandava eu o Araguaya, saudosa estância, que marca para mim o inicio da minha carreira judiciária, e as impressões desse período jamais se me apagarão da mente.

Bem vedes que longe estaria eu de suppôr então, me coubesse a honra, que é também satisfação, de paranymphar o acto de vossa ordenação. Para mim, catholico que me ufano de ser, essa dignidade de Padrinho de um sacerdote, sobreleva a qualquer outra. E como me sinto muito aquém dessa dignidade, que sómente a especial affeição, de que, immerecidamente, me vejo cercado, explica e determina!

Presbytero, pelo seu próprio etymo grego, vale dizer — ancião. Não quer isso dizer que sois velhos na idade, que é uma simples convenção humana, mas sim que sois maduros e prudentes diante do Senhor.

Bem comprehendo que, antes que vosso Padrinho, me competeria ter-vos como tal, pois na escala da perfeição christan, vejo bem a distancia que nos separa, e quão mais próximos de Deus vos achaes do que o vosso humilde paranympho. Isso, porem. não diminue para mim a alta significação desta investidura, de que buscarei tornar-me digno. E já que é pela minha voz, que vós deveis receber, nesta fausta ephemeride, as saudações dos vossos amigos, permitti que vol-as transmitta com a alma repleta de effusões sincerissimas, e o coração vibrando num amplexo cheio de cordialidade. São os parabéns dos vossos queridos distantes e que eu julgo ver pairando, em espírito, sobre nós, neste momento; são os parabéns dos vossos Superiores e Irmãos dessa grande família Salesiana, desde a casa-matriz de Turim, onde ainda permanece a alma illuminada de D. Bosco, até as mais obscuras casas do sertão, não menos beneméritas; são os parabéns, das vossas dignas Irmans, essas generosas e dedicadas heroínas, as Filhas de Maria Auxiliadora, que, no leito dos enfermos, na escola, na selva, onde vive o índio e o jaguar, cumprem, sublimemente, a sua missão social e religiosa de elevadíssimo alcance; são os parabéns dos vossos alumnos, dos amigos da Congregação, os Cooperadores salesianos,

de todos emfim, que, presentes ou ausentes nesta hora, se associam ao vosso triunfo.

Eu os synthetiso numa só e única felicitação, que aliás já ouvistes dos lábios daquelle, que vos ungiu para a nobre e divina missão do sacerdócio.

Pax Domini sit semper vobiscum! Seja comvosco sempre a paz do Senhor, a paz da consciência, a paz da virtude, a paz que advem do espírito tranqüilo na pratica do bem — a única e verdadeira paz, que vos auguro, que o mundo não nos dá e só desfrudam os eleitos de Deus.

VINTE E CINCO ANNOS DE SACERDOCIO

(P. Miguel Curró)
27 de dezembro de 1928

Meu velho amigo P. Miguel Curró.

Não erraram os promotores desta sympathica festa, indo ao meu obscuro recanto, pedir-me que fosse, nesta hora, o interprete dos seus sentimentos affectivos.

Perdoae-me se assim me exprimo, quebrando de entrada velhas praxes oratórias, que nos impõe o sovado jogo da modéstia, em que se deleitam os rhetores, despindo-se de todo e qualquer attributo, para enaltecer o peso das suas tremendas responsabilidades.

Ora isto, sobre sêr recurso já sediço e gasto falta-lhe sinceridade, que é, a meu ver, melhor condimento de um discurso, do que todas as regras artificiosas de uma eloqüência de postiços.

Quero e devo ser, acima de tudo, sincero, e ahi está porque reassevero o que disse de começo.

Outros diriam mais ou melhor, de vossas qualidades e da significação desta festa: não porém, com maior nem mais viva cordialidade.

Por isso, posto reconheça que poderiam ter acertado melhor — a própria certeza tem seus graus — sou forçado a proclamar que me sinto bem, muito á vontade, no desempenho honroso deste mandato que me houve por bem conferir a Commissão organizadora desta justíssima homenagem.

*
* *

E sinto-me bem por vários motivos, sobrelevando a todos a circumstancia de ser vosso amigo, de haver sido vosso alumno, de ter testemunhado, em varias phases, distinctas e dispares, a vossa actividade bemfazeja.

Recebeis hoje, nesta singela mas expressiva manifestação de carinho, a coroa de vossos apostólicos labores na cathedra ou na selva, na direcção ou na catechese, no templo ou no sertão, ensinando, confortando, dirigindo, trabalhando, dando sempre o dignificante exemplo que, mais do que a palavra, cala nos espíritos e abre, nos ínvios caminhos da vida, essas clareiras esplendidas da Virtude e do Bem.

Adolescia ainda, nesse rosicler de esperanças e de sonhos, que é o radioso abrir da juventude, quando, pela primeira vez, transpus o limiar augusto deste educandário.

Vim aqui encontrar-vos, feito mestre e guia de consciências juvenis, cultivador emérito dessas

flores, que são as crianças — intelligencias e caracteres, em botão.

A vossa memória, Sr. P. Curró, entremescla-se assim aos primeiros clarões indecisos da minha mocidade e, neste dia de evocações e de saudades, illumina, na doçura suavísima dos luares de antanho, um grande, um inesquecível trecho de minha existência.

Dos que convosco aqui batalharam, á sombra austera destes muros, na augusta ambiência destes salões de estudo, na alacridade ruidosa do pateo de recreio, na doçura mystica da capela da Virgem, ainda resoante de cânticos e aromatizada pelas volutas do incenso, — uns já se fôram para a elysea plaga, onde o bem recebe o premio, eterno e imperecível, outros por longe andam, distantes de nós objetivamente, mas, estou certo, ao nosso lado neste instante, na telepathia irrecusável da saudade que une, através do espaço e do tempo, os que se querem...

Foi assim a primeira impressão que me deixastes, nítida e perdurável, ligada que ficou para todo o sempre, a esse período inolvidável de minha vida.

Correram os annos, e sobre elles as impressões daquelles dias fugazes e risonhos, aos quaes outros, breve, succederam, como as ondas de um rio, que vão fluindo umas sobre as outras, no doce embalo da correnteza macia, levando todas no seio a mesma plangência suave de saudade e de ternura...

Andei por longes terras, colhi do mundo as flores, que duram um só dia e os espinhos, que ficam pungindo aceradamente toda a vida.

Nas caprichosas curvas dessa estrada do viver, fui, um dia, inesperadamente, defrontar-vos de novo.

O nosso segundo contado, Sr. P. Curró, deveria em tudo e por tudo diferir do primeiro. Outro o scenario, outra a época, outros os personagens. Não mais o joven estudante a quem inculcáveis, através das declinações latinas, os necessários conhecimentos humanistas, e sim o homem feito, envergando a toga austera do magistrado, no sereno dever de distribuir a justiça. Não mais este doce e acolhedor ambiente collegial, esta casa para sempre querida onde se abrolharam os nossos sonhos, em arrulhos e palpites innocentes, abrindo azas para o ideal, mas sim a ampla e magestosa visão dos sertões immensos, como que talhados por Deus para imagem e espelho mirifico de sua grandeza e omnipotencia.

Foi no Araguaya, onde o grande rio rola, entre fragas silenciosas, as suas águas cheias de belleza e de mysterio...

Como juiz, fôra assumir o cargo, em que se me abriam novos horizontes na vida.

E lá, nos limites de nosso, Estado, nessa extrema oriental de Mato-Grosso, fui encontrar-vos feito catechista e educador, missionário e mestre, dirigindo, com raro tacto, a casa salesiana do Registro.

O que vi, ouvi, observei, colligi, nesses dias céleres e felizes, passados ali ainda uma vez ao

vosso lado, já o disse em minhas rápidas impressões de viagem. De vossa dedicação sem par, de vossa rara operosidade, de vosso tino invulgar no maneio dos homens — fala mais alto do que qualquer testigo extranho, o facto de ir a Missão buscar na casa mais distante — a do Registro — o Director para este Collegio, quando daqui se afastara, elevado ás honras prelaticias, o saudoso P. Couturon.

Disse-vos então e gostosamente agora vol-o repito, nesta grata ephemeride: tão importante ou mais do que a catechese indígena, é para nós, a catechese do semi-civilizado, que é o sertanejo. E, quiçá, mais difícil ainda do que a primeira, pois certo que em terreno inculto e virgem antolha-se mais fácil o plantio, do que em gleba que já se cobre de vegetação má e estéril, que muitas vezes, é preciso, com grande esforço, desarraigar...

Testemunhei o florescimento das casas salesianas do Leste.

Vi-lhe o Collegio, repleto de alumnos de todo esse vasto sertão mattogrossense e goyano, num raio de muitas léguas, acorrendo ali em busca do pão espiritual do ensino.

Surprehendi, em mais de um lance, a vossa tenacidade, o vosso zelo, a vossa constante assistência, servindo, a um tempo, de estimulo ao bem e de para-choques ao mal, nessa zona onde, longe da acção efficiente da autoridade, as paixões se desencadeiam com maior violência, só comparável á dos ciclones que varrem os grandes chapadões solitários e nus do nosso planalto.

Esta segunda phase de nossa approximação foi rápida e com pouco tempo nos separávamos de novo.

Mais de um lustro decorreu e, um dia, nos revimos, aqui, neste Collegio, para onde volvíeis agora investido das altas e dignificantes funcçõcs directivas, sobraçando o bastão da chefia, que a vossa modéstia inegualavel busca obumbrar e empallidecer, só conseguindo mais realçal-o. E neste posto de tremendas responsabilidades, que tem a virtude de evocar-nos os nomes laureados de um Malan — catechista egrégio — de um Helvecio — ardoroso jornalista e apostolo — de um Manoel Gomes — a encarnação da bondade persuasiva — de um Aquino — a intelligencia a serviço da Virtude — de um Couturon — tão activo quanto zeloso — não vos descorajastes um dia, nem tampouco diminuistes o patrimônio moral de que fostes legatário, antes, pode-se dizer com desassombro, o honrastes e vindes dignificando dia a dia, em novas e brilhantes iniciativas beneméritas.

Ahi estão para demonstral-o as obras do Santuário, proseguidas a custo sabe Deus de que sacrifícios, sem o menor auxilio que não seja o da caridade particular; o surto que vêm tendo as officinas profissionaes, apparelhadas hoje de material e pessoal idôneo, que as colloca, sem lisonja, em primeiro plano no nosso meio; a freqüência sempre crescente dos cursos de instrucção; o eloqüente attestado da vossa prudente, sabia e efficaz direcção, numa das phases mais criticas, qual a que vos tocou para administrador.

Levando de vencida óbices, que a outrem pareceriam irremovíveis; com a vossa fé serena, o vosso animo rijo e o vosso inalterável bom-humor — segredo da vossa resistência physica e moral — ides, Snr. P. Curró, augmentando o credito de vossas já longas e vastas benemerências, no serviço indefesso a pró da juventude patrícia.

*
* *

Bem sei, ao fazer este ligeiro escorço de vossos trabalhos, estou a chocar aquelle santo espírito de humildade, que é a aureola de vossas peregrinas virtudes, a brilhante coroa de vosso espírito privilegiado.

Basta conhecer-vos, em ligeira palestra, para se inteirar ao vivo dessa rara modéstia, que vos caracteriza.

Dir-se-á que vos compraz a annullação completa da vossa personalidade, para que só avulte a grandeza sublime do ideal, a que servis.

Por isso, hoje, vos vêmos como que contrafeito em meio a estas manifestações sinceras dos vossos amigos, que festejam, prazerosamente, o 25º anniversario da vossa ordenação sacerdotal.

Maior honra ha, entretanto, nessa humildade, em que vos procuraes apagar e desfazer em meio das honras — e já Balduino, citado pelo Padre Bernardes em sua basta Floresta de conceitos, assim se exprimia: *Humilitas in honore, honor est honoris*.

A vossa humildade não é dessas estudadas attitudes, nem dessas modéstias palavrosas, que se fazem pequenas para provocar contestações e protestos, com grande gáudio recebidos.

É sim da marca da daquelle santo varão, de que nos conta o mesmo Bernardes o passo seguinte: — Dizendo-se em presença de S. Francisco de Borja, como havia expellido de um corpo o demônio, corou muito, de envergonhado, e disse: — Ainda que assim fosse, que muito ha em que o demônio me fizesse uma vez a vontade, havendo-lhe eu feito tantas?

*
* *

Sr. P. Miguel Curró:

25 annos atrás, no dia de hoje, em que a Egreja commemora o Discípulo Amado, S. João, o estupendo visionário de Pathmos, recebieis, na symbolica imposição das mãos do Prelado, a delegação por excellencia, o mais elevado mandato, que Deus confere ao homem sobre a terra.

Que de evocações não vos trará á lembrança este dia, cujas ultimas horas vêmos aqui transcorrer, neste doce ambiente de cordialidade e de carinho!

Por certo não vos sahiu da memória aquella scena simples e tocante da liturgia catholica, tão cheia de symbolos e de uncções sacramentaes, tão grandiosa mesmo na sua singeleza, repleta dessa

imponência que arrebatou a imaginação arrojada de Chateaubriand, que cantou na prosa rythmada de Hugô e inspirou ainda ha pouco as paginas dolentes e profundamente humanas do auctor de *Là Bas* e do *En Route*.

A vossa affectividade deve ter se volvido nessa hora, e ainda hoje, na evocação desse momento decisivo em que vos fizestes Levita dos altares de DEUS, para a vossa terra-mãe, para essa Itália, alma-mater do Christianismo, eterna inspiradora do Bello artístico, que é a Esthetica, do Bello Moral, que é a Virtude.

E para lá, onde repousam os vossos maiores, no seio da terra; lá onde dos Alpes gigantes aos Appenninos, canta a onda azul do Jonio e do Thyrreno, embalando a pátria gentil de vosso berço, voaria em preces e saudades, a vossa alma consagrada ao Senhor.

Que elle, o DEUS munificente, o supremo Doador das graças, o que premeia o esforço anonymo e desconhecido do mundo, Aquelle que é balsamo nas dores mais agudas, consolo onde falha toda a consolação humana, vos dê a paga do Bem, que a mancheias, vindes disseminando. E que nesta hora, do seu nicho azul estrellejado de flores astraes, a Virgem de D. Bosco — musa inspiradora da acção salesiana em todo o universo, celeste Beatriz que, como diz a creatura angelica de Dante, vos poderia dizer

«Sono Beatrice, che ti faccio andare».

derrame, hoje e sempre, nesta vida e na outra, os thesouros inexhauriveis do seu amor e da sua graça sobre vós, sobre a Obra que vindes realizando, para gloria de DEUS, honra da Humanidade e grandeza cada vez maior da Pátria Brasileira!

INAUGURAÇÃO DO SANTUARIO DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA

Em Cuyabá, 15 de abril de 1929

Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado,

Exmo. e Revmo. Snr. Arcebispo Metropolitano,

Exmo. Snr. Vice-Presidente do Senado Federal,

Distinctas autoridades e Exmas. Famílias.

Meus senhores:

A amizade, na bôa intenção de distinguir-nos, impõe-nos, muita vez, situações de verdadeiro sacrifício ou, pelo menos, de real constrangimento. Tal é o caso do meu bom amigo, o Director deste Lyceu, lembrando-se de minha obscura pessoa para falar nesta brilhante solemnidade, a que a presença das altas autoridades e da família cuyabana empresta fulgor inusitado.

Como negar-me, porém, si a própria gentileza do convite obrigava o dever de corresponder-lhe á fidalguia, posto convicto da minha deficiência? Eis-me aqui, senhores, onde outros melhor estariam,

mas certo na vossa benevolência, que menos a mim me inculpareis do frouxo e descosido desta palavra, do que aquelle que aqui me trouxe, naturalmente porque a visão se lhe obliterára nesse generoso erro da amizade, que toma o mais das vezes por virtudes e attributos, o que não passa de fraquezas e precariedades.

Recebe hoje a bençam litúrgica. inaugurando-se para o culto divino, o Santuário de Maria Auxiliadora, construído sabe Deus a custa de que inauditos esforços, pela benemérita Missão Salesiana. Dentro de alguns instantes, reboarão pelos seus murros as harmonias dos cânticos, evolar-se-á no seu ambiente recolhido o olor suavissimo das espiras de incenso, entremesclado ao rumorejar das preces, que, dos corações se elevam para os céus... É um novo templo, que descerra as suas portadas augustas aos mysterios da Fé, é uma nova egreja, que se entre-abre, como ante-camara do infinito, aos que possuem essa felicidade suprema de crer e de esperar.

Para que tantas egrejas? — é a interrogação, que se esboça, irônica, na commissura dos lábios dos que não crêm e aos quaes se antolha, naturalmente, desnecessário este acto, que ora aqui nos congrega.

Oh! a dolorosa interpellação de uma alma árida como os desertos, e onde si quer abrolha a floração ridente de um oásis de ternura... Para que?

Mas perguntae antes, para que tantos arsenaes, tantas fabricas de armas, e munições, tantos estaleiros navaes, tantas esquadras e casernas, onde a trêda Guerra ensaia os seus lúgubres entre actos de tragédia e de horror? mas perguntae antes, para que tantas casas de diversão, tantos clubes, tantos casinos, tantos *dancings* onde o Prazer e o Luxo se entredão as mãos na ânsia de gozo, que devora a humanidade, fazendo-lhe esquecer na presente vertigem de uns minutos, todos os princípios que os séculos levaram estratificando nas suas mais intimas camadas moraes? mas perguntae então, para que tantas universidades e Bibliothecas, que não saciam esta sêde de saber que nos consome; para que tantos Observatórios, apontando para o céu mudo e vasio os seus sextantes e telescópios, si nada mais descobrem que «cemitérios de astros, que nem cruzes tem»? Para que tantos campos santos que, afinal se destinam a abrigar essa pouca de matéria que, no dizer do poeta, melhor fora ter o seu ultimo sonho da «dispersão na luz e na alegria»? Mas, bem vejo, Senhores, que a vós não vos acode essa pergunta, em que a duvida do século se tortura, e na qual a inquietação moderna se agoniza, buscando a solução do problema da vida, no rês do chão das misérias quotidianas... Oh! não, não pensaes assim, certamente, ó vós todos que aqui vos achaes, tomados nesta hora da mesma commoção, que me empolga. Vedes bem que um templo que se abre, é um belvedere a mais para a immortalidade, é um rasgão desse azul em que a nossa

circunvisão se perde espavorida, é uma nova, luz que se accende na treva, que por todos os lados parece cercar as nossas consciências... Oh! deixae que ellas se elevem para o céu, sejam essas brancas e silenciosas capellinhas que, quaes garças niveas e intemeratas, fizeram o seu ninho no mais alto cimo das nossas serras, sejam essas pomposas cathedraes, magníficas e imponentes, que, entre o fragor babélico das grandes praças, abrem, no tumulto da vida, esses parenthesis confortantes da prece e da meditação...

Deixae que ellas se multipliquem, como outras tantas salas de espera do Ideal e da Eternidade, piscinas em que as almas se banham nas águas do perdão e do esquecimento, tão precisas nesta éra em que, na phrase incisiva de Papini, «os homens estão mais ébrios e, no entretanto, mais sedentos do que nunca»... Ao primeiro ver, ellas se nos impõem necessárias e imprescindíveis: são as enseadas mansas, onde o batel vem repousar após as rudes tormentas do mar-alto, são as clareiras mysteriosas que relumbram. aqui e ali, na *selva selvaggia* do nosso viver materializado e rude; são os pináculos que emergem, triumphantes, serenos, do pântano, que a tudo parece invadir, pântano de ambições, de ódios, de rivalidades, de torpezas e villanias...

Deixae, que no despertar de energias, que parece sacudir do seu longo marasmo bi-seccular, a nossa querida cidade natal, desde o seu bi-centenário accordada para a civilização, deixae que

se erija a par da velha Cathedral, das outras históricas egrejas, este Santuário novo, o caçula da nossa crença, ultimogenito da nossa fé, essa fé que é o mais legitimo apanágio da raça cuyabana e o mais nobre titulo que nos herdaram os nossos ancestraes portugueses e bandeirantes...

Ao advena que visitasse a nossa terra, por certo, se depararia uma solução de continuidade, que ora já não existe. No espigão que defronta a urbe cuyabana, faltava um templo a assignalar a separação dos districtos e ao mesmo tempo, a unil-os num só amplexo fraterno. Vindo das eminências tradicionaes do Rosário, onde floriu o primeiro núcleo do arraial bandeirante, verieis, dominando o centro, as bellas ogivas do Bom Despacho, e nada mais. Agora, entretecendo mais uma pedra a esse collar, ergue-se, neste poético outeiro, mais um templo da Virgem. Notae, senhores, que a ella, á mais linda das criações do christianismo, são dedicadas quasi todas as nossas egrejas — é o Rosário, é o Bom Despacho, é a Boa Morte, é este Santuário, e, até mesmo, as capellinhas solitárias da Piedade do Carmo e das Dores, que lá, no silencio das nossas cidades dos mortos, velam o somno dos queridos que se foram... Essa mesma Senhora que, nas angustias, invocaram os nossos maiores — nos rijos embates dos payaguás ou nas rudes provações que a tyrannia colonial lhes infligia. .. essa mesma é a que agora nos sorri, do seu throno, prestes a tomar posse da casa que o amor e a devoção dos cuyabanos lhe erigiu.

Permitti que, na magnificência desta hora, evoque uma lembrança pessoal: foi aqui mesmo, vai por mais de um quarto de século, que pela primeira vez, me foi dado falar em publico... Dirigia este Lyceu o inesquecível P. Helvécio, hoje no glorioso solio archiepiscopal de Marianna — e inaugurava-se o monumento a Nossa Senhora, no pateo interno do Collegio, quando intimado pelo querido Mestre, vencendo a minha timidez de adolescente, proferi, de ao pé do monumento, algumas palavras em louvor á excelsa Madona. O circulo da vida, como que se me fecha neste momento, em que revivo, palpitante, aquella emoção primórdia. É quasi o mesmo scenario, posto muitos outros os espectadores... Imaginae, senhores, tudo o que dizer não posso, neste ambiente mágico de evocações e de saudades...

Ha nos Livros Sagrados, um capitulo inteiro dos Números, em que se relatam as offertas dos Príncipes de Israel, depois da erecção do Tabernaculo e durante os dias da Dedicação do Altar. Eram carros, animaes para o sacrifício, ricos e sumptuosos objectos de prata e ouro para o serviço do Senhor — 89 versículos cheios dessa enumeração grandiosa e empolgante. Senhores: nesta hora em que se vai abrir o Tabernaculo do Sacrifício da Lei Nova — muito maior que os da Lei Mosaica — nós aqui presentes, grandes e pequenos, irmanados no mesmo sentimento, levemos-lhe a offerenda

mystica dos nossos espíritos de crentes, oblata sublime dos nossos corações. E que ella, subindo aos céus em preces e anseios, desça, como na escada entrevista no sonho de Bethel, em graças e bênçãos sobre nós, sobre nossas famílias, sobre a nossa querida cidade, sobre todo Matto-Grosso, sobre toda a grande Pátria — mãe querida de todos os brasileiros...

PRIMEIRA MISSA

(P. José Nunes Dias)
8 de dezembro de 1929

Houvestes por bem dar-me a honra, que é também satisfação, de ser vosso paranympho na 1ª Missa, que cantastes em nossa querida Cuyabá. Justo é, portanto, que nesta pequena tertúlia, nesta festinha, que hoje nos reúne num como ambiente familiar, eu vos diga, em nome dos vossos amigos aqui presentes, algumas palavras que exprimam o nosso sentimento cálido de affectos neste instante jubiloso.

Bem certo que não vou fazer um discurso, vasado em estylo grandíloquo e brilhante, conforme os velhos e consagrados moldes oratórios. Falo-vos com a alma aberta, com a linguagem do coração, no puro idioma da cordialidade mais intima e effusiva. Não ha, pois, rebuscar flores nos vergeis da rhetorica ou fructos opimos nos pomares da philosophia. É um velho amigo que se dirige, em nome de outros amigos, ao caríssimo patrício que retoma ao seu país, trazendo na consagração do Sacerdócio, a mais nobre das láureas, que assentam sobre a fronte de um mortal. E com que prazer vos falo,

neste salão, docemente evocativo para todos nos, que transitamos sob as arcadas deste Collegio, naquella edade, de que disse o poeta:

Recordam-se vocês do bom tempo de outrora, do tempo que passou e que não volta mais, quando íamos a rir pela existência afora, alegres como em junho os bandos dos pardaes?

Como que se me entreabre, aos relumbrantes clarões da fantasia, o período em que por aqui passei, na minha despreoccupada adolescência, iniciando-me nos primeiros passos pela senda do saber...

Lembra-me ainda, pouco depois, de quando vos tive por alumno de humanidades, muito jovem ainda, de volta de Corumbá.

Jamais me passaria pela mente nesse tempo — quasi três lustros têm decorrido depois disso — jamais me occorreria então que, um dia, me haveria de caber este papel de saudar-vos no fausto dia em que, de regresso do velho Mundo, onde concluístes os vossos estudos e recebestes as sagradas Ordens, viésseis cantar, aqui neste mesmo Collegio, á sombra tutelar do Santuário de Maria Auxiliadora, a vossa 1ª Missa.

Tem a Providencia seus desígnios mysteriosos que, si uns redundam em maguas e pezares, outros se transformam em júbilos e alegrias.

Agradeçamos-lhe uns e outros, que das mesmas mãos dadivosas nos vêm e façamos por bem cumprir-lhe os dictames.

Snr. P. José:

A festa de hoje reveste-se para nós de dupla satisfação: é a commemoração feliz do retomo de um amigo e, ao mesmo tempo, a glorificação do Sacerdócio, dessa nobre e fecunda missão evangelizadora, a que vos dedicastes no serviço de Deus e a prol da humanidade. O sacerdote, embaixador do Alto entre as misérias terrenas, suprema dignificação da nossa espécie, quer quando passa despercebido e anonymo entre as multidões, para ir levar a palavra da fé, o conforto christão da caridade ao leito do agonizante, ao albergue do indigente, á valla commum dos parias sociaes... quer quando heroe desconhecido, se sacrifica, em pleno sertão bruto, entre o uivar da fera e o assetear do selvagem, pela causa da civilização e do progresso... quer quando, na cathedra humilde, semêa, arrotêa, monda, ara os campos da inteligência e do caráter da juventude, germe da pátria futura... quer, ainda, quando, no seu glorioso papel de *Alter Christus*, morre pelos seus semelhantes, nas epidemias, nas guerras, no seio dos infiéis, firme, impávido, sereno, como aquelles, que ao genial cantor dos Jesuítas, mereceram esta apostrophe inflamada:

Grandes homens! Apóstolos heróicos!

Elles diziam, mais do que os estóicos.

Dor — tu és um prazer!

Grelha — és um leito! Braza — és uma gemma!

Cravo — és um sceptro! Chamma — um diadema!

Ó morte — és o viver!

Que a semente fecunda, de que surgiu a vossa suave vocação sacerdotal, abrolhe em novos rebentos, propiciando Deus para tão vasta seara outros obreiros como vós, revestidos da mesma fé e do mesmo enthusiasmo — taes são os votos, em que enfeixo, neste momento, as saudações cordiaes e sinceras dos vossos Superiores, dos vossos irmãos, de todos os vossos amigos. Que a Virgem de D. Bosco, Nossa Senhora Auxiliadora, colme de venturas christans a vossa carreira apostólica, ennastre de florões mysticos o vosso sacerdócio, faça chover sobre vós, sobre os vossos queridos, sobretudo a vossa veneranda progenitora, cuja figura saudosa vejo pairar nesta hora, em meio a este salão — as suas bençans, repletas de graças e núncias das verdadeiras felicidades.

D. BOSCO, O CONQUISTADOR DE ALMAS

(Conferencia pronunciada no «Salão Pio XI» do Asylo Santa Rita)

Heróes e santos

«Honra aos heróes cheios de bondade e de luz». Assim começava, ha 2.600 annos, os seus «versos dourados» o grande philosopho grego Pytágoras. E, mais tarde, dando o sentido verdadeiro a essa expressão, Hieroclés assim se exprimia: «Esses heróes cheios de bondade e de luz, pensam sempre no seu Creador, e são resplandecentes da luz que irradia da felicidade, que gozam no contado do mesmo Creador».

E tornando ainda mais claro o seu pensamento: «Heróe vem dum vocábulo hellenico que significa amor, para accentuar que, cheios de amor por Deus, os heróes apenas buscam auxiliar-nos a passar desta

vida terrena a uma existência divina, a tornar-nos cidadãos do céu.»

Ao defrontarmos, Senhores, a figura heril e impressionadora do nosso homenageado desta noite, do humilde pastorzinho de Becchi, que a posteridade honra sob o nome de D. Bosco, vem-nos á mente a estrophe do velho pensador da Hellade, que Chateaubriand evoca a respeito dos grandes heróes do mundo moral, que são os Santos do Christianismo.

Sim, porque onde encontrar maior, mais puro heroísmo, que nessa galeria estupenda, que povoa os altares da nossa Religião e flori no jardim mystico dos hagiológios e das legendas douradas?

O verdadeiro heroísmo

Certo que não se deparou jamais ao paganismo, com os seus mythos e fabulações, em que se divinizava a força, em Hercules, a astúcia, a serviço do crime, em Jove, e o amor materializado e ephemero, em Aphrodite, certo jamais se deparou á antiguidade clássica esta noção do heroísmo christão, que sublima a fraqueza, enaltece a indigência e aureola de nimbos celestes a virtude mais obscura e, por isso mesmo, mais bella. É de um heróe dessa linhagem que devo falar-vos esta noite, um heróe da galeria, que o catholicismo ostenta como a mais lidima revelação da sua divindade, pois nella se verifica o mais surprehendente e paradoxal dos milagres, qual a glorificação dos humildes e obscuros, consoante a promessa eterna do Christo:

«Bem-aventurados os limpos de coração e de espírito... porque elles possuirão a terra.»

Este que hoje honramos, num fulgor de apotheose e numa luminosa festa de arte e de triumpho, foi, na sua vida, um pobre padre, envergando essa roupeta, que o mundo escarninho considera uma diminuição, senão uma vilta, e passou os 73 annos da sua existência pela penumbra das sacristias e dos templos, e se das antesalas dos grandes se aproximou alguma vez, foi antes como o pobre pedinte, solicitando migalhas e favores para a realização da sua obra portentosa. Não lhe fulgiu o nome entre os ouropeis do throno, nem na resplandecência das côrtes.

Jamais se lhe recortou a effigie modesta de sacerdote em outro scenario, que aquelle que a Providencia lhe traçara, isto é, o da apostolização da infância e da juventude, nos seus collegios e oratórios festivos.

Não é um general, cuja espada haja lucitremido ao sol ardente das batalhas, nem um artista, cujo gênio tenha estarrecido e obumbrado o seu século, aos fulgores de suas obras magistraes. Nada disso. Um pobre clérigo, piemontês, filho de obscura gente e criado, ao sol da bella Itália, entre humildes e simples homens do campo, lavradores e pastores como elle mesmo o fôra. Ahi o grande e surprehendente segredo da nossa crença que, no mundo moral, opera prodígios verdadeiramente assombrosos, servindo-se dos mais obscuros instrumentos e dos mais pobres obreiros.

Grandeza na simplicidade

Porque, Senhores, D. Bosco nem mesmo foi um desses thaumaturgos que arrastam em pós de si as multidões, pela força persuasiva da sua eloqüência ou pelo poder convincente e sobrenatural dos seus milagres, como Antonio de Pádua, Francisco de Assis, Domingos de Guzman e tantos outros... Mas o milagre que elle operou, Senhores, é maior que todos os milagres e a sua eloqüência supera de muito a todas as predicações imagináveis, pois quasi meio século após a sua morte, ella ainda está viva e immortal, na sua obra grandiosa e na continuidade, que lhe vão emprestando os seus filhos dedicados, os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora, hoje espalhados por todos os quadrantes do mundo. Bem notou Huysmans, o torturado estilista do *Là Bas*, que são *as qualidades extraordinárias, e não os actos extraordinários, que determinam, no conceito da Igreja, a santificação*.

Em D. Bosco temos disso claro exemplo e expressiva documentação. Vêde-lhe a vida, de limiar a dentro: nada desses eventos incommuns e prodigiosos, que afloram, a cada passo, na biographia dos Cesares, dos Carlos V, dos Bonapartes, dos vencedores de povos e dominadores de nações. Mas, contemplae a irradiação do seu nome, a propagação da sua obra, o alcance social do seu apostolado, e estareis commigo em que maior e mais amplo é o mundo por elle conquistado, mais numerosos e effcientes são os seus exércitos e as suas

esquadras, mais duradoras e permanentes são as victorias, que elle alcançou e continua alcançando.

E isso, meus Senhores. simplesmente porque D. Bosco, longe de procurar a gloria, buscou a virtude, em vez de avassalar os reinos, tratou de ganhar as consciências, e, quando outros tentaram immortalizar-se pela força ou pelo machiavelismo, se impôs pela sinceridade dos seus intuitos, pela belleza serena do seu ideal e pelo nobre e desinteressado objectivo da sua campanha.

Emquanto outros visavam honras caducas e fastigios illusorios, o nosso heróe punha mais alto a sua mirada, e fazia-se, antes que vencedor de povos, conquistador de almas. Este, o grande epitheto que lhe cabe, mais que outros quaesquer, pois, força é proclamá-lo, D. Bosco foi, antes e acima de tudo, um conquistador de almas, e o seu lemma ahi está compendiando-lhe expressivamente, num grito sequioso e vibrante, o ideal que lhe norteou toda a vida e actividade: «*Da mihi animas, cætera tolle*». Dae-me almas, tomando-me embora o resto!

Os conquistadores

Conquistador de almas! Que mais bello titulo pode homem pretender sobre a terra? Conquistar o Universo? Mas isso fê-lo Alexandre, cujos domínios se estenderam por mundos ignorados ainda, aos quaes levou o seu poder, a força das suas legiões e a gloria do seu sceptro. Que resta della? Um nome na Historia, quando muito. O seu império

sequer resistiu á partilha, que delle fizeram os seus generaes. Conquistar as intelligencias? Mas isso fizeram-no, Virgilio e Homero, Dante e Milton, Goethe e Lamartine.Que resta delles?

Os nomes nas lombadas de suas obras, artisticamente enfileiradas em ricas estantes, e a lembrança de um ou outro verso, de uma ou outra pagina, isso mesmo negada muitas vezes pela critica irreverente e iconoclasta dos aretinos.

A sua gloria passou com a primeira escola reaccionaria, que se lhes seguiu e apenas subsiste da sua obra o que é eterno, como a Belleza e o Bem.

Conquistar corações? Mais isso conseguiram-no na antiguidade, Salomão, o rei-poeta, sumptuoso e explendido, cujos paços de Jerusalém offuscavam em brilho de luxo tudo o que a imaginação oriental pode suggerir num desvario de cores e de luzes... e, modernamente, D. João Tenório, esse estranho e indecifrado Salomão, que, como o outro, acabou no fastio e no tédio do arrependimento. Que resta delles e das suas conquistas? A amarga e desoladora confissão que, através dos séculos, grita nas paginas profundamente humanas dos Livros Sagrados:

«*Vanitas vanitatum, et omnia vanitas*»! — Vaidade das vaidades, tudo vaidade! é essa esmagadora, fria e sincera affirmação que o poeta Vicente de Carvalho põe na bocca do segundo, de D. João, de que, tendo gasto, nos amores os melhores annos da mocidade, encontrava ainda em cada rosto lindo que via «a impressão de uma folha ainda não lida...»

D. Bosco, ao invés, as suas conquistas não lhe amargam, nem se lhe esfazem nas mãos, em lodo e poeira, como os pômos malditos do Asphaltite. Ellas são immarcesciveis e fragrantes, como frutos do céu, que são.

E isso porque, Senhores, elle escolheu como matéria prima de suas conquistas, essa porção divina que ha em nós, esse elo que nos prende á Divindade e nos ergue, em ascensão olympica, acima do bruto — a alma, a essência elysea, a espiritualidade.

O plano de campanha

E como realizou elle o seu estupendo plano de campanha, iniciado na sacristia da igreginha de S. Francisco de Assis, da sua terra natal?

Não ha mais, para o saber, que lêr-lhe a vida, escripta pelo carinho filial de um Lemoyne ou de um Amadei, pela admiração enternecida de um Salotti ou de um Crispolti, ou pela poesia sentimental de um Joergensen.

Pontilham, aos mil, episódios suggestivos e afloram, a cada passo, narrativas tocantes em sua singeleza, participando a um só tempo, da candura primitiva dos *Fioretti* e da serena belleza dos poemas heróicos.

Longe fôra se quisesse vos dar uma pallida reminiscência ou avocação do que foi essa vida, exemplo sublime de desprendimento e de altruísmo,

de renuncia e de caridade, cuja só leitura effunde como que um rorido balsamo de consolação e piedade em nossas almas torturadas e inquietas, cheias da angustiosa ansiedade do século e que se sentem apaziguadas e lenidas á simples visão daquellas scenas confortadoras.

Escriptos de D. Bosco

Por outro lado, a leitura das obras de D. Bosco, dos seus interessantes ensaios de historia e propaganda religiosa, mais nos testifica do seu espírito combativo e ardoroso, synthetizado naquellas gnomas, ou sentenças expressivas e inolvidáveis, que ficam para sempre gravadas em nossa mente, muitas das quaes, lidas quando collegiaes, ainda hoje as recordamos sentidamente. O «*reliquat*» de, D. Bosco, constante de memórias, notas, escriptos de natureza diversa, e que Lemoyne, autor a quem mais deve a memória do grande piemontês, colligiu e organizou, vale como o índice eloqüente de um bello espírito e mostra o plano estratégico, que foi a sua constante e invariável actuação em prol da mocidade, na árdua conquista das almas para Deus.

D. Bosco jamais seria um escriptor *dilettante*, desses que fazem arte pela arte: o seu espírito não se compadecia com semelhante modo de entender a missão do escriptor. As suas próprias memórias,

contam-nos os seus biographos, escreveu-as por especial determinação de Pio IX.

Ellas constituem o seu testamento, aquillo que Amiel recommendava como a obra mais útil, que o homem pode fazer.

O systema pedagógico

D. Bosco foi um sonhador na mais alta accepção do termo.

Não, como bem accentua um dos seus biographos, um romântico, um platônico, desses que cultivam a flor azul, dos desejos irrealizáveis. «Sonhou na pratica — di-lo Joergensen — e, sobretudo, sonhou como altruísta». Fazer o bem, salvar as almas, eis o grande *sonho accordado* da sua vida.

A sua obra, entretanto, é de um senso pratico, de uma realizabilidade tal, que dir-se-ia que, em todos os seus emprehendimentos, a acção acompanha a idéa e uma e outra se integram e completam admiravelmente. Haja vista o seu admirável systema pedagógico, obra prima de psychologia, de analyse interior, que até a escriptores acatholicos e neutros, tem provocado laudes commovidas e enthusiasticas. Que obra surprehendente de equilíbrio e de bom senso, de natureza tal a marcar-lhe o titulo de «precursor da pedagogia contemporânea», inaugurada por Cecil Reddie, com que têm sagrado os especialistas do assumpto. O methodo preventivo, que hoje até em penalogia se vê trimphante em toda

linha; a therapeutica ao carinho; a prophylaxia moral, preservando as almas ainda verdes, do contagio tabifero dos maus elementos; o valor do «controle», proclamado como indiscutível; a obediência, como consectário do amor, e não jugo imperioso, fazendo da disciplina a melhor forma da applicação da liberdade; tudo isso que constitue as vigas mestras da admirável construcção, que é a educação nos moldes de D. Bosco, que mais ha mister para illustrar a clarividência e a sensatez desse grande organizador, que é o chefe da Congregação Salesiana?

A obra salesiana

Mas, meus senhores, para que ir mais longe, no tracejar o benéfico influxo desse grande Apostolo do século XIX, se aqui, entre, nós, á mão, temos com que argumentar e illustrar ao vivo o que fica asseverado? Sem sahir deste salão, ahi tendes, no testemunho da nossa sociedade, aqui representada fidalgamente, o preço incomparável que nos soe merecer essa legião de denodados pioneiros do Bem, que são os filhos de D. Bosco. Sem sahir desta casa, Senhores, neste recinto duplamente respeitável, pela presença de Deus e pelo ambiente da Virtude, temos eloqüente testigo da grande acção benemérita das filhas de D. Bosco, educadoras da nossa juventude feminina, formadoras eximias das almas das nossas donzellas, que, neste horto virginal de pureza e trabalho, se desabrocham

ao pé dos altares, para serem, mais tarde, as flores perfumosas e meigas do nosso lar...

É a formação espiritual da mulher — obra de D. Bosco!

Sem sahir deste bairro, distante apenas uma quadra, vereis, como austeros muralhões, que se abrigam á sombra do Santuário maternal da Virgem Auxiliadora, o velho Collegio, onde hauriu os conhecimentos necessários á luta pela vida, o escól da nossa juventude de uns 20 annos atrás, recebendo ali, a par do caracter, a sólida instrucção, que lhes abriu as portas dos estudos superiores e da vida pratica.

É o espírito educativo — obra de D. Bosco!

Sem sahir desta cidade, vereis, pouco adiante, dois quarteirões apenas, a casa da dor, a horrível casa que evocava, ha duas décadas, a visão macabra da novella de Dostoiewski, transformada hoje na Santa Casa da Misericórdia, plácida e limpa, florida e repousada á sombra carinhosa desses anjos da caridade, que velam, noite e dia, as agonias e os soffrimentos, pondo um frouxel de paina e de suavidades, sob a.s cabeças dos que ali vão buscar minoração aos males do corpo e do espírito.

É o espírito da caridade — obra de D. Bosco! E se alongardes as vistas pelo Sul, fervilhante de vida e progresso, da Corumbá legendária á vertiginosa Campo-Grande, e de Três Lagoas a Aquidauana, de Miranda a Ponta Porã, nessas rechans bravias da fronteira, onde o minuano geme e a nevada embranquece as campanhas silenciosas...

haveis de ver, sempre, o collegio salesiano, onde se educa, o oratório festivo, onde se preserva a mocidade do corruptor ambiente mundano, o hospital em que se desdobra a actividade generosa das Filhas de Maria Auxiliadora, ou, pelo menos, a humilde capellinha, a distribuir essa, esmola christan da prece e do conforto ás pobres almas perdidas nos ermos desolados desses ásperos rincões sertanejos. A grande disseminação do espírito de D. Bosco... Se, ao contrario, evolardes as vistas da imaginação para outros rumos, ainda dentro do nosso querido Malto Grosso, e, galgando o planalto aos ares doces e leves das alturas, vos encaminhardes para os sertões lestinos, surprehender-vos-á outro novo e mais empolgante aspecto da obra salesiana — a catechese. São as colônias indígenas, que o zelo apostólico de um Malan e de um Balzola ali semeara, vai por três decennios, e que a actividade fecunda dos seus successores, Colbacchini, Couturon e tantos outros vai mantendo galhardamente...

São os núcleos civilizadores do aborígine, que hoje, quebrada a flecha mortífera, entornada a taça do cauim bárbaro, confraternizam comnosco nesse magnífico ágape da paz e da cordialidade, após tantos e longos annos de luta e de chacinas.

É o espírito civilizador da catechese — obra de D. Bosco!

Peroração

Para que mais, Senhores?

Basta-nos o que ahi vai e que, de perto, nos diz.

A extensão hoje universal das obras salesianas, é assaz conhecida e forra-nos a maiores divagações. O heróe de Asti, que Pio XI, gloriosamente reinante no solio pontifício, elevou ao fastígio das aras sacras, já estava de ha muito enthronizado na alma agradecida dos que lhe devem a sua formação moral e intellectual, e são esses milhares de ex-alumnos salesianos, que por todo o orbe proclamam a benemerência do humilde filho de Becchi.

A elle as nossas homenagens.

A elle, o nosso carinho sem par. A elle, nesta hora solemne, entre os esplendores desta festa, em que Cuyabá como que procurou primar entre outras cidades mattogrossenses, todo o nosso amor e veneração.

«Honra aos heróes cheios de bondade e de luz»!

VELHOS E NOVOS OBREIROS

(Saudação aos membros do Capitulo Inspectorial e aos Noviços)

Revdo. Sr. P. Inspector:
Digníssimos Superiores:
Senhores Seminaristas:

Aqui me acho, em cumprimento á amável determinação que me foi feita pelo director deste Lyceu, o meu muito prezado amigo P. Miguel Curro, afim de trazer-vos as boas-vindas cordiaes dos catholicos cuyabanos, que se rejubilam ante a vossa chegada á formosa e longínqua cidade sertaneja.

Falo-vos em nome da Liga Catholica desta Archidiocese, pujante agremiação, que reúne em seu seio os paladinos da grande causa da Religião e da Pátria, e que, por isso mesmo, somente pode exultar com a chegada desse pugillo de novéis obreiros para a messe vastíssima, que se depara aos pioneiros do Bem em nossa terra.

Coincide, muito opportunamente, a reunião do Capitulo Inspectorial com a vinda dos primeiros Seminaristas para o noviciado de Cuyabá. São dois extremos que se tocam e se completam. É a

primavera radiosa de flóreas esperanças, a par do outono fecundo em fructos opimos. São por um lado, os Superiores, provectos e experimentados no tirocínio de longos annos de direcção, que se congregam para a troca de idéas e assentamento de novos planos de acção, nas cruzadas benéficas da educação, da catechese e do labor missionário; de outra parte, essa plêiade gárrula e esperançosa de jovens, cheios de vida e enthusiasmo, a iniciar a carreira, em que tanto bem proporcionarão ás almas no futuro.

Desse contraste, a que ora assistimos, que estupenda lição se não ha de concluir, em vendo, irmanados pelo mesmo ideal, legionários da mesma bandeira, velhos mestres e jovens discípulos, veteranos e neo-combatentes, inscriptos sob o mesmo lábaro sagrado do Christo-Rei, cuja realeza hoje mais do que nunca se impõe á humanidade.

Porque, senhores, bem podemos repetir, nesta hora sombria que atravessa o mundo, a invocação pathetica, mas profundamente verdadeira de Papini: «Chegou o momento, em que deves reapparecer e dar a esta geração um signal irrecusável da tua presença. Tu vês, Jesus, a nossa necessidade. Precisamos de ti, de ti só, de mais ninguém».

É para Elle, para esse Jesus, que os séculos frívolos escarneceram, que se volve este século trágico, convencido, que fora da sua doutrina não ha salvação, que fora das suas promessas tudo é vaidade e só Elle possue as palavras da Vida, que não passa.

Por Elle é que viestes, velhos missionários, callejados das lides apostólicas, nos sertões desertos ou nas cidades tumultuosas, e jovens iniciados, que trazeis a alegria da vossa juventude, como um mágico elixir renovador, no meio das angustias do presente incerto.

Esta é, por isso mesmo, uma tertúlia luminosa de esperança e de fé, uma festa de sadia espiritualidade, em que nos sentimos bem, sob este tecto tão cheio de evocações, á sombra querida dos muros de antanho, em que nos sorri ainda paternalmente a alegria de velhos Mestres, que hoje revemos.

Eis porque, comquanto havendo recebido este ultimatum para falar-vos, em quadra tão cheia de trabalho e de trabalhos, não me foi possível esquivar-me e venho prazeirosamente cumprir essa intimação irresistível.

Synthetizarei em duas palavras a minha saudação — em dois votos o anhelo sincero, que Cuyabá formula neste momento ao receber a vossa visita — aos membros do Capitulo, um voto de feliz êxito em suas deliberações, que desejamos se norteiem no sentido de uma cada vez maior e mais ampla difusão do espírito salesiano em nosso Estado. Que este Capitulo Inspectorial do Anno Santo, que é também o Anno da canonização de D. Bosco, seja um marco memorável na vida da Missão, cujos destinos se encontram entregues a esse admirável *condottiere* do Bem, que é o P. Carletti.

Finalmente aos noviços, uma palavra só que condensa todo um programma de vida — perseverança

no Bem, perseverança no bom caminho que iniciastes, para que possaes attingir com segurança a meta dos vossos esforços, a Chanaan dos vossos ideaes de perfeição religiosa e moral.

Para encerrar esta ligeira allocução, julgo que não fique mal um pensamento dos Livros Santos, que se lê precisamente na Epistola de hoje: «Tendo nós differentes dons, segundo a graça que nos foi dada, usemos bem delles».

A vós, cabe usar daquelles dons espirituaes, com que vos dotou o Espírito Santo, fazendo a mancheias o Bem ás almas, que vos fôram confiadas. A mim, que outros me faltam, fique o prazer deste dom da sinceridade, que procuro imprimir a tudo, em vos falando, por assim dizer, com o coração nas mãos, para, numa saudação vehemente, dizer-vos a satisfação que nos traz a vossa presença. Sede bem vindos!